



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

DAYANE SILVA

**CONFLITOS ENTRE SONHO E REALIDADE NA GUERRA CIVIL MOÇAMBICANA
DE *TERRA SONÂMBULA***

**GUARABIRA - PB
Novembro/2019**



DAYANE SILVA

**CONFLITOS ENTRE SONHO E REALIDADE NA GUERRA CIVIL MOÇAMBICANA
DE *TERRA SONÂMBULA***

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia),
apresentado para obtenção do grau de Licenciatura
no Curso de Letras no Departamento de Letras,
Centro de Humanidades, da Universidade Estadual
da Paraíba – UEPB.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Rosilda Alves Bezerra

GUARABIRA – PB
Novembro/2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Dayane Angelo da.
Conflitos entre sonho e realidade na guerra civil moçambicana de terra sonâmbula [manuscrito] / Dayane Angelo da Silva. - 2019.
40 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra, Departamento de Letras - CH."
1. Sonho. 2. Realidade. 3. Colonização. 4. Literatura Africana. 5. Identidade. I. Título
21. ed. CDD 967.9

DAYANE SILVA

**CONFLITOS ENTRE SONHO E REALIDADE NA GUERRA CIVIL
MOÇAMBICANA DE *TERRA SONÂMBULA***

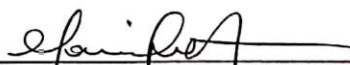
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado em Letras no Departamento de Letras, Centro de Humanidades, da Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, com Linha de Pesquisa em Literaturas Africanas.

Guarabira (PB), 29 de novembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª Rosilda Alves Bezerra – UEPB/ Orientadora



Prof^ª. Dr^ª Maria Suely da Costa – UEPB/ 1^ª Examinadora



Prof^ª. Ms. Maria Aparecida Nascimento de Almeida – UEPB/ 2^ª Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que sempre me ajudou não me deixando desistir quando achei que não conseguia mais seguir adiante.

Dedico com muito carinho aos meus queridos pais, lembro bem quando entrei pela primeira vez na (UEPB) Universidade Estadual da Paraíba, fui lá acompanhada do meu pai e minha mãe, minha base, lembro os olhos dos meus queridos, orgulhosos por me levar até aquela porta, eles sempre me incentivaram a estudar, pois os mesmos não tiveram oportunidades.

De modo muito especial, dedico também ao meu filho amado, meu bebe arco-íris que veio para minha vida trazendo luz e me fez seguir mais forte em busca dos meus objetivos.

Dedico também ao meu esposo que sempre me ajudou, que por várias vezes chegava do trabalho cansado quando só namorávamos e ainda sim me levava ou ia me buscar na universidade, e depois com a chegada do nosso filho, continuou me incentivando e sempre me ajudou muito, cuidando do nosso pequeno para que eu pudesse concluir meu trabalho.

AGRADECIMENTOS

No decorrer do tempo, passei por muitas dificuldades que me desestabilizaram e me fez abandonar o curso, no entanto consegui voltar, e seguir a diante. Nessa trajetória, conheci professores fantásticos, e outros tantos que frustraram-me, acredito ainda assim, na educação e em dias melhores. Mais à frente engravidei, infelizmente perdi meu bebê e nesse momento nada mais importava, e novamente abandonei tudo.

De modo muito especial a minha “irmã-prima-comadre” três em uma, Josefa Félix que muitas vezes me recebeu em sua casa ajudou-me com relatórios, com livros com dicas, pois é uma professora encantadora e amiga maravilhosa.

Não poderia esquecer de agradecer também a minha querida sogra, Erotilde Pontes, pois tenho uma sogra maravilhosa professora e grande incentivadora, sempre me apoiou e cuida de mim como sua filha.

Voltei novamente à universidade e nesse período engravidei pela segunda vez, com muita alegria cursei um semestre inteiro com muitos enjoos, sonolência e todos os sintomas que a gravidez nos traz, mas com a maior felicidade.

Foi o semestre mais lindo que tive e que guardarei lembranças maravilhosas dos amigos que fiz, durante o período de Estágio de Regência, foram eles que alegraram-me nas noites de estudos, fazendo-me sorrir e seguir firme nas minhas convicções.

A nossa professora que foi um anjo, Gabriela Paz quem me apresentou esse Autor magnifico, me apaixonei pelas obras do grande Mia Couto, ela iniciou comigo a orientação e me deu muitas dicas, mas infelizmente por motivos maiores teve que sair e eu tive que fechar o semestre para então receber em meus braços o bem mais precioso do mundo meu filho Gabriel Henrique.

Nessas idas e voltas, tive a certeza que eu tinha que ir mais além, e mesmo com muitas saudades e aquela sensação de tristeza, sai deixando meu filho com oito meses de idade aos cuidados da minha sogra e voltei mais uma vez a velha e querida UEPB.

Agradeço ao tempo que dá voltas, e nos faz reencontrar pessoas que acreditávamos nunca mais ver, minha amiga aquela que iniciou o curso comigo no ano de 2012, ela Adriana Ananias, “seu nome é pronto”, uma amiga que já faz parte

da minha vida e odeia meus áudios de cinco minutos, a mesma me apresentou outros tantos que “adoram a minha torta de frango” pessoas tão diferentes de mim, e foram essas pessoas que trouxeram valores, sentimentos e personalidades únicas que foram essenciais na minha trajetória.

Carregarei comigo cada lágrima de sofrimento e de felicidade que tive durante os sete anos de curso, muitas vezes achei que essa tarefa estava além das minhas forças, mas aqui estou eu, deixando de ser universitária, e partindo para mais uma fase difícil.

Agradeço também a minha orientadora Dra. Rosilda Alves pela paciência e incentivo.

A todos que torceram por mim, e aos que não citei aqui mas que contribuíram de alguma forma com esse momento tão importante na minha vida.

RESUMO

A presente monografia tem como base para a pesquisa o romance *Terra Sonâmbula* (2007), de Mia Couto. Esta obra constrói-se plena de incertezas e pelo elemento onírico o que a aproxima do realismo fantástico. O sonho e as mudanças sucessivas da paisagem apresentam-se como marcos de resistência. Nosso objetivo principal é mostrar como o autor mistura sonho e realidade usando o mágico, criando um entrelaçamento entre essas dualidades, sonho/realidade, novo/velho, oral/escrita. A escrita do autor representa um impactante questionamento acerca da situação sofrida do povo moçambicano, atropelado por uma guerra civil que se seguiu à da independência. Em todos os momentos perpassa a relação de história pós-guerra em *Terra Sonambula*, o qual nos faz investigar o processo de reconstrução de Moçambique. Destacamos pontos importantes do colonialismo, tendo como base alguns estudiosos, Cabaço (2007), Bomfim (2018) e Souza, (2014), e no que diz respeito à literatura africana, os estudos de Sousa Neto (2013), Bach (2008), Munanga (2012) e demais estudiosos.

Palavras-chave: Sonho e realidade. Colonização. Literatura africana. Identidade.

ABSTRACT

The present monograph is based on the research Mia Couto's novel *Terra Sonâmbula* (2007). This work is built full of uncertainties and the dream element that brings it closer to fantastic realism. The dream and the successive changes of the landscape are marks of resistance. Our main goal is to show how the author mixes dream and reality using the magician, creating an interweaving of these dualities, dream / reality, new / old, oral / written. The author's writing represents a striking question about the plight of the Mozambican people, hit by a civil war that followed independence. At all times, the postwar history relationship in *Terra Sonambula* permeates, investigating the reconstruction process of Mozambique. We highlight important points of colonialism, based on some scholars, Cabaço (2007), Bomfim (2018) and Souza, (2014), and with regard to African literature, the studies of Sousa Neto (2013), Bach (2008) , Munanga (2012) and other scholars.

Keywords: Dream and reality. Colonization. African literature. Identity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 O COLONIALISMO EM MOÇAMBIQUE: compreendendo a história.....	12
3 IDENTIDADE NACIONAL: a terra e o sonho.....	18
3.1 SONHO E REALIDADE: o imaginário no cotidiano moçambicano.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo analisar o romance *Terra Sonâmbula*, uma obra da Literatura Africana de Língua Portuguesa, especificamente de Moçambique, uma das antigas colônias africanas. O referido romance foi escrito por Mia Couto, pseudônimo de Antônio Emílio Leite Couto, nascido em Beira, província de Sofala em Moçambique, um biólogo, que também atuou como Jornalista, mas enveredou-se pela literatura. O autor começou a escrever e publicar poesias e logo após, enveredou para as narrativas curtas, os contos, sendo este livro o seu primeiro romance publicado em 1992.

Mia Couto faz parte desses novos escritores africanos que têm uma preocupação com a reconstrução do seu país, ainda mais um país destruído por séculos de colonizações e sucessivas guerras, guerras anticolonialistas e civis. *Terra Sonâmbula* trata da Guerra Civil de Moçambique, onde são contadas histórias de seu povo com uma lógica única e criativa, mistura realidade e fantasia e cria um entrelaçamento entre a tradição e o moderno. Com sua capacidade ímpar de contar histórias e arquitetar enredos, longe de obviedades, Mia Couto cria, na narrativa do livro uma teia de ações e de portas que se abrem fantásticas para seus leitores.

O autor cria trincheiras nas quais se percebe a angústia daqueles que sofrem com a guerra, além de desnudar com maestria o espírito guerreiro do povo africano e em especial, o moçambicano. A guerra anticolonial que durou dez anos (1965-1975) em Moçambique a lutar por sua independência, aparece na narrativa de Mia Couto num fragmento que narra esse acontecimento, no dia 25 de junho de 1975.

Anunciava um facto: a Independência do país. Nessa altura, nós nem sabíamos o verdadeiro significado daquele anúncio. Mas havia na voz do velho uma emoção tão funda, parecia estar ali a consumação de todos seus sonhos. Chamou minha mãe e, tocando sua barriga redonda como lua cheia, disse: - Esta criança há-de ser chamada de Vinticinco de Junho. Vinticinco de Junho era nome demasiado. Afinal, o menino ficou sendo só Junho. Ou de maneira mais mindinha: Junhito. Minha mãe não mais teve filhos. Junhito foi o último habitante daquele ventre. (COUTO, 2007, p. 11).

Após a independência Moçambique mergulhou numa guerra civil iniciada em 1976 quando um grupo antigovernamental chamado RENAMO se opôs ao exército de Moçambique, governado pela FRELIMO, atacando diversas cidades na fronteira

e no interior. Esses atos desestabilizaram a economia moçambicana pois, além de ter que investir muita verba no aparato militar, viu sua produção agrícola severamente reduzida. Somados ao clima de guerra, a fome e a falta de infraestrutura no país criam, no interior, regiões verdadeiramente desoladas.

Durante este conflito cerca de um milhão de pessoas morreram amputados por minas terrestres, um legado da guerra que continua a assolar o país e seu povo. Mia Couto aborda a relação entre o povo e as consequências da guerra, como eram seus hábitos e pensamentos.

A guerra é visível em tudo e em todos. No romance *Terra Sonâmbula* percebe que a imagem de guerra é constante e está em todos os aspectos da cultura moçambicana. No decorrer das duas histórias a de Muidinga e de Kindzu identificamos as influências da guerra. Logo no começo, quando o menino e o velho encontram o ônibus incendiado, surge a necessidade de se abrigar ali, entre os corpos carbonizados. Porém o menino Muidinga pede ao suposto tio Tuahir para enterrarem os corpos: “- Lhe peço, tio Tuahir. É que estou farto de viver entre os mortos”. (COUTO, 2007, p.08).

Percebemos nessa pequena frase a angústia daqueles que mais do que a morte, convivem também com cadáveres, já não se tinha o hábito de cerimônias e enterros em situações normais, pois, em época de guerra os corpos sem vida são os primeiros a serem abandonados, deixados para que apodreçam em rios, valas e no próprio chão como retrata a situação a cima citada.

Tomamos como base teórica os estudos de Cabaço (2007), Bomfim (2018) e Souza, (2014), para enfatizar sobre o colonialismo em Moçambique e suas influências, e no que diz respeito à literatura africana, os estudos de Paiani (2013), Bach (2008), Munanga (2012) e demais estudiosos. Para enaltecer as nossas considerações sobre o fantástico buscamos apoio nos estudos de Sousa Neto (2013).

No primeiro Capítulo desta monografia contextualizamos a história que Mia Couto, escreve em seu romance *Terra Sonâmbula*, sobre Moçambique. Já na segunda parte dialogamos sobre o colonialismo, a Guerra Civil e suas consequências e influências na vida dos personagens.

Seguimos o terceiro ponto com destaques de fatos importantes sobre a

construção da identidade nacional. Em todos os momentos perpassa a relação de história pós-guerra em Terra Sonâmbula, veremos a preocupação que o autor tinha em reconstruir o seu país, em recuperar o sentido de humanidade perdido na guerra, a ressignificação das memórias do povo moçambicano.

Por fim, na quarta e última parte concluímos esta monografia com ênfase na relação entre sonho e realidade, buscando compreender como esse par de oposição se apresenta na literatura africana.

2 O COLONIALISMO EM MOÇAMBIQUE: compreendendo a história

Os primeiros habitantes de Moçambique foram os povos Coisã, que eram caçadores e coletores, principalmente, dez mil anos atrás a região de Moçambique era de grande fertilidade e repleta de savanas, o que era muito bom para a instalação de povos como os Coisã. Dos séculos primeiros ao século quarto houve invasões dos povos Bantos, povos estes conhecidos como guerreiros, agricultores e que tinham o domínio da metalurgia do ferro, a economia dos Bantos era composta basicamente pela agricultura, olaria, a tecelagem e a metalurgia também eram presentes só que em menor quantidade, somente para suprir as necessidades familiares.

O comércio era feito por trocas diretas o que acarretava numa estrutura social simples, como se fosse uma família estendida, com um chefe. Seguindo com os séculos IX e XIII começaram a se fixar na região oriental da África populações do Golfo Pérsico, era o centro comercial da época que fundaram os postos comerciais para trocar ouro e metais preciosos por tecidos com a Índia, o ferro era muito importante nessa época e chegou a ser usado como moeda.

Conforme a história, foi o ouro que determinou a fixação, primeiro dos mercadores e colonos árabes isso no século XII e posteriormente dos portugueses no século XVI. Portanto em 1498 uma expedição comandada por Vasco da Gama ancorou na costa moçambicana, porém, nesta época já existia muitos entrepostos comerciais dominados por Árabes e uma grande parte da população havia aderido ao Islã, não demorou muito para a população portuguesa se estabelecer no território moçambicano, pois: “A partir dessa viagem, os Portugueses, e por meio deles os europeus em geral, tiveram as primeiras notícias das cidades da costa africana oriental, que eram movimentados centro de comércio”. (SOUZA, 2014, p.28).

Em 1530 os portugueses já haviam conseguido formar várias povoações a primeira delas foi a população portuguesa de Sena, depois a povoação de Tete também a de Quelimane e a povoação do Oceano Indico em 1944. Segundo Cabaço (2007, p. 27-28) a expansão comercial de países europeus para oriente e, em seguida, para o ocidente, marcaria o nascimento de uma hegemonia planetária, que hoje se conhece pelo nome de mundialização da economia ocidental, assim: “As alianças mais sólidas entre grupos eram feitas pelos casamentos, que uniam membros de linhagens diferentes e criavam novas solidariedades”. (SOUZA, 2014,

p.42). Deste modo percebemos como isto facultou ganhos às aristocracias dos países dando assim início a acumulação do capital das burguesias daquele continente.

Na busca do ouro, prata e marfim, ou no esforço de estender suas redes comerciais a potentados do interior, esses aventureiros europeus (e, no caso de Moçambique, também indianos) bem como alguns missionários religiosos iniciaram a penetração dos territórios, preferencialmente por lá se fixavam. Eram iniciativas de natureza individual, e os europeus, isolados ou acompanhados de um punhado de homens armados a seu soldo, usavam diferentes estratégias de sobrevivência que iam de alianças com potentados locais, muitas vezes através de casamentos com filhas de linhagens predominantes, à diplomacia, ao comércio etc. (CABAÇO, 2007, p. 29).

O propósito já não era o simples controle do escoamento do ouro, mas dominar todo o acesso às zonas produtoras do ouro. Com isto ficou conhecida como a fase do ouro, as outras últimas eram chamadas de fase de marfim e de escravos, na medida em que os produtos mais procurados no mercantilismo era respectivamente o marfim e os escravos. De acordo com Souza (2014, p.42) o comércio era outra forma importante de as sociedades se relacionarem, trocando entre si não só mercadorias, mas também ideias e comportamentos.

Segundo Arendt (2006, p. 164-165) a superprodução de capital na Europa conduziu os seus principais detentores, os “financistas judeus”, a se envolverem, num primeiro momento, na exportação dos excedentes acumulados para os novos mundos que se abriam. (CABAÇO, 2007, p. 30-31).

Porém, logo se retraíram, de forma que afirmavam a falta de proteção, nos territórios, geravam riscos não compensando os fabulosos benefícios, deste modo o autor ressalta: “Mesmo dispondo da benevolente, assistência do Estado, os financistas não eram bastante para proteger-se contra esses riscos: só a força material do Estado poderia fazê-lo”. (2006, p. 165).

Já segundo Mondlane aos poucos Portugal dominava os impérios, os portugueses recorriam à infiltração de comerciantes, disfarçados de simples homens de negócios, e chegavam a região em busca de parceiros para trocas de mercadorias; mas, após conhecer todo o território e fazerem mapas minuciosos do espaço, enviavam as forças militares para eliminar qualquer resistência dos chefes.

A estratégia era enviar colonos brancos, que chegavam à procura de terras para cultivar, e depois de a terem conseguido dos chefes reclamavam a posse e

escravizavam os anfitriões africanos. Até missionários eram enviados como pacificadores espalhando a fé cristã, como instrumento para adormecer os africanos, enquanto as forças ocupavam todo o território e dominavam o povo.

De acordo com (CABAÇO, 2007, p. 07) somente em 1985, com a morte do general Maguiguana, e a prisão do imperador Gungunhana, Portugal derrotou Gaza, o último império tradicional de Moçambique. O que possibilitou a implantação da administração colonial ter início a partir dos primeiros anos do século XX. Veremos a partir disso também que a imposição colonial não se deu de forma pacífica e justa, houve guerras e muita resistência dos povos africanos e também dos árabes os quais dominavam algumas rotas comerciais na região oriental da África.

Um outro aspecto importante sobre o sistema colonial foi a imposição de um modelo de educação, que, segundo Mondlane, estava voltado para a submissão do africano. Esse novo modelo partia do desprezo europeu pelos modos de educação que já havia, eles foram desconsiderados e substituídos por um “que iria desenraizar o africano do seu passado e força-lo a adaptar-se à sociedade colonial”. (MONDLANE, 1985, p.56).

Sobre esse ponto buscamos dentro do texto de Mia Couto fragmentos que demonstram a exploração colonial que acontecia com os africanos e suas terras. Como os europeus dominaram o povo obrigando-o a seguir suas regras. Os seus objetivos eram: “formar elementos da população que atuariam como intermediários entre o Estado colonial e as massas; e inculcar uma atitude de servilismo nos africanos educados”. (MONDLANE, apud, BOMFIM 2018, p.10).

O que aconteceu de fato foi uma grande farsa na qual os europeus erguia na verdade uma série de barreiras para que as crianças africanas não conseguissem levar a diante os estudos, essas barreiras começavam com as aulas ministradas completamente em português, custos elevados, a distância das moradias para as escolas, enquanto que para as crianças brancas de origem portuguesa eram dadas muitas facilidades.

Para torna-se um assimilado os critérios seria: ter mais de dezoito anos; falar corretamente a língua portuguesa; exercer profissão que garantisse seu próprio sustento e o da família ou possuir bens suficientes para o mesmo fim; ter bom comportamento, além da ilustração e os hábitos “pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado, dos cidadãos portugueses”; e, por fim, não ter sido refratário a prestação do serviço militar nem ter desertado.(PAIANI, 2013, p.26).

Ainda assim, como relata o estudioso Cabaço (2007, p.155-156) “O indígena ganhava o estatuto jurídico de cidadão, porém no plano social ele permanecia sempre um membro subalternizado”, nunca visto pelos colonos como um deles. De acordo com Thomaz o assimilado:

“[...] não estavam sujeitos ao trabalho compulsório, contudo, representavam quase que um arremedo de uma civilização que se, queria branca e europeia e impunha travas brutais a sua ascensão social.” (THOMAZ, 2005-2006, p. 262).

Ainda que o indigenato, tenha sido abolido em 1961, é mister perceber, acerca do que citamos que o colonialismo beneficiou prioritariamente os filhos de colonos, mesmo após a independência de Moçambique os brancos favoráveis a FRELIMO e a causa da libertação nacional eram, de certa forma ainda pertencentes a uma elite que fora beneficiada pelo sistema colonial. Neste sentido incluímos o autor Mia Couto, o mesmo em seus textos literários determina aos brancos papéis coadjuvante, em suas narrativas os protagonistas são sempre os negros.

Veremos em *Terra Sonâmbula* um dos grandes escritos do autor, que apenas dois, dos personagens são brancos, um representa o colonialismo Português, Romão Pinto e a sua esposa Portuguesa Virginia, os dois vão aparecer nos cadernos de Kindzu quando ele descreve a estória de Farida, a qual ele vai encontrar num navio naufragado ao mar, a mesma mulher que foi violentada pelo colono Romão, quando estava sobre os cuidados de Virgínia. Desse abuso, nascera o menino Gaspar, filho de colono, vejamos que nenhum dos personagens aqui citados é como Couto um branco nascido em terras Moçambicanas.

Em uma entrevista o autor em questão fala sobre a FRELIMO e do tempo em que era jovem e iniciava na militância ele critica e põe sua posição quando diz: “eu acho que já não sou da FRELIMO, porque acho que a FRELIMO se converteu em outra coisa. [...] “passou a ter um discurso falseado, mascarado, com objetivos ainda socialistas quando eles todos já se tinham convertidos em empresários de sucesso.” Em sua narrativa Couto constrói determinados personagens que se assemelham aos gestores que ele critica.

Na história de kindzu narrada em seus escritos, ele conta quando o jovem desembarca em Matimati e conhece o administrador Estevão Jonas. Que era antes um guerrilheiro fardado, e passou a fazer parte do quadro de governantes

revolucionários. O administrador tinha uma jovem esposa Carolinda, mas o mundo “invislumbrável” que Estevão poderia oferecer a jovem, converteu-se em ódio a esposa o traía a medida que ele se corrompia. “Eu olhava essa mulher, vestida de negro e acreditava tratar-se de uma viúva”. (COUTO, 2007, p. 70).

Era a jovem mulher do administrador, “Por um instante, me pareceu que chorava. Mas perto, vi que não. Cantava. Entoava uma canção que eu conhecia, dessas da luta armada de libertação”. (COUTO, 2007, p.70). Nesse sentido autor faz referência à FRELIMO frente da libertação de Moçambique, Carolinda repreendia o esposo por suas ações: “as palavras de um dirigente devem encostar com a sua prática, afinal onde estão os princípios, a razão que pediram aos mais jovens para dar suas vidas?”. (COUTO, 2007, p. 102). Foram esses princípios que fizeram Estevão torna-se guerrilheiro, porém o poder corrompeu-o, e tudo se deu não só pela corrupção mais por sua frustração:

Depois da independência, ele foi nomeado chefe da administração de Matimati. Disseram ser coisa transitória. Mas o tempo passava e não chegava nunca a sua transferência. Estevão nem sequer era dali, não entendia a língua nem os costumes daquela gente. Ele também se frustrava embora nada dissesse. Aceitava porque aprendera a disciplina de obedecer sem questionar. (COUTO, 2007, p. 102).

Sobre esta questão Paiani (2013, p.34), afirma a obediência sem questionamento, neste caso seria mais uma crítica do autor sobre a disciplina ensinada pelo partido, Couto parece apontar para a “ditadura do proletariado” encarnada pela FRELIMO como um regime onde seus membros obedecem sem questionar, também estariam imbuídos de exercer o poder sobre outros povos no país, mesmo sem entender a língua e os costumes daquela gente. No mais é inevitável não perceber na narrativa de Couto o ficcional literário citado por Paiani (2013, p.40). [...] “se relacionam com a realidade sem se esgotar em sua descrição”.

Em *Terra Sonâmbula* se engendram fatos históricos assim como pessoas, mas o romance não descreve a realidade, ele se apropria da realidade para transgredi-la. Sobre este ponto Lima afirma essa transgressão e dá-se como simultânea “irrealização do real e o torna-se real do imaginário” Citado por Paiani, (2013, p.40). O real acontece à medida que a ficção rompe com os automatismos do cotidiano, ao passo que o imaginário “empresta ao tematizado uma aparência de realidade.” (LIMA, apud, PAIANI, 2013, p.40).

O mundo narrado nas páginas que Muidinga ler ao Tuahir vai aos poucos florescendo conforme sua leitura, onde havia morte vai se descobrindo vida, assim como acontece com uma passagem do livro que fala sobre a guerra e seus fantasmas: “antes fosse uma guerra a sério. Se assim fosse teria feito crescer o exército. Mas uma guerra-fantasma faz crescer um exército fantasma, salteado, desnorteado, temido por todos e mandado por ninguém”. (COUTO, 2007, p. 66). O romance *Terra Sonâmbula* fora escrito quando a guerra desenrolava-se ante os olhos do autor é através da escrita pelo qual o mesmo tenta aplacar os demônios existentes dentro de si, em decorrência da guerra.

Meu romance Terra Sonâmbula, foi redigido no final da guerra civil no meu país e sua gestação marcou-me profundamente. Eu acreditava que não seria possível escrever um livro que falasse da guerra enquanto ela estivesse decorrendo – apenas depois, no momento da paz, quando os fantasmas da violência estivessem adormecidos. Mas sucedeu que fui visitado, noite após noite, pela urgência da escrita. Eu estava, sem perceber, a aplacar os demônios interiores que a violência da guerra havia (sic) despertado em mim. (COUTO, apud, PAIANI, 2013, p.40).

Mia Couto não pretende a veracidade dos fatos narrados, como se espera de um testemunho, porém o romance se dá como tal, o passado *representificado* pode também ser reinventado, Couto o faz em sua ficção o que parece verdadeiro não precisa necessariamente ser verdadeiro. O autor usa sua capacidade de recriar e se aproxima em determinados momentos em sua história, da excelência o escritor dá voz à sua nação, mesmo reconhecendo seus limites.

3 IDENTIDADE NACIONAL: a terra e o sonho

Em primeiro lugar, buscamos levantar uma análise sobre o título do livro *Terra Sonâmbula*, que começa por enviar o leitor para os componentes principais deste romance: a terra e o sonho. No processo de leitura, levamos em consideração a terra como base, chão; ou seja, a estrutura que sustenta as raízes, o passado e tudo que se deve ser preservado. A mesma terra marcada pelos desmandos assolada pelo medo e por fantasmas que não encontram descanso e que transitavam do sonho para o pesadelo da realidade. À esta terra foi-lhe negado o direito ao sonho, por decorrências de sucessivas guerras, mas o romance reivindica esse sonhar, e é a partir das leituras dos escritos de Kindzu que o personagem Muidinga vem nos acordar para a realidade de uma terra que anda sonhando, tentando fugir da guerra e encontrar um lugar melhor assim como afirma o autor:

Se dizia daquela terra que era sonâmbula. Porque enquanto os homens dormiam, a terra se movia espaços e tempos afora. Quando despertavam, os habitantes olhavam o novo rosto da paisagem e sabiam que, naquela noite, eles tinham sido visitados pela fantasia do sonho. (COUTO, 2007, p. 10)

Seguindo o raciocínio afirmamos que a terra não gosta de sofrer, o país Moçambique, anda a procurar, e o sofrimento aqui exposto, é na verdade a motivação desse perambular de um lado para o outro á costurar sonhos, e por sua vez uma identidade perdida. E por que não dizer também á costurar uma história para esse país tão massacrado por guerras, por colonizações, por exploração. Então o autor Mia Couto costura na narrativa a história de Moçambique. Como diz a voz narrativa “É bom assim: ensinar alguém a sonhar”. É justamente isso Mia Couto faz em seu romance *Terra Sonâmbula*, em tempos de guerra de sofrimento o autor destaca o por que de acreditar na esperança de dias melhores e com isso ensina as pessoas a sonharem.

— O que andas a fazer com um caderno, escreves o quê? — nem sei, pai. Escrevo conforme vou sonhando. — E alguém vai ler isso? — Talvez — É bom assim: ensinar alguém a sonhar. —Mas pai, o que passa com esta nossa terra? Você não sabe, filho. Mas enquanto os homens dormem, a terra anda procurar. — A procurar o quê, pai? É que a vida não gosta de sofrer. A terra anda a procurar dentro de cada pessoa, anda juntar os sonhos. Sim, faz conta ela é uma costureira dos sonhos. (COUTO, 2007, p.108)

É um tempo difícil para todos e até as famílias se veem diante da dificuldade de sustentarem todas as bocas, os menores estão sempre dependentes dos parentes e mais velhos que já conhecem as leis da sobrevivência. Diante disso Tuahir, quando questionado sobre o porquê dos pais de Muidinga não o quererem mais, responde ao menino: “[...] Vou lhe contar uma coisa: seus pais não lhe vão querer ver nem vivo. — por quê? — Em tempos de guerra filhos são um peso que trapalhamanigue (muito, demasiado)”. (COUTO, 2007, p. 08).

Veremos no segundo capítulo do romance onde é narrado a história de Kindzu onde seu pai anunciava um fato, a independência do país, algo no qual poucos conheciam e tinha contato. Os Moçambicanos estavam desenganados, saíam de uma guerra para em seguida entrar em outra, eles desconheciam as motivações, mas, sabiam bem como defini-las, assim dizia Taímo: “A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder. Seu veneno circulava agora em todos os rios da nossa alma”. (COUTO, 2007, p. 11).

Em sua fala define a guerra como um mal que faz com que o povo lute entre si, derramando seu próprio sangue deixando os verdadeiros inimigos ilesos. E então você tem duas alternativas ou foge da guerra ou enlouquece, e a maioria dos personagens que conhecemos nesse romance passa por esse processo de enlouquecimento de perda da consciência objetiva por conta dessa realidade devastadora da guerra. Nesses casos as crianças são as maiores vítimas, sofrem de abandonos, são estupradas, levadas pelos bandos e até assassinadas, por serem alvos fáceis e frágeis.

Temos então o desespero retratado de um pai no desenvolver do romance, “— Calem! Não quero choraminhices. Este problema já todo eu pensei. Em diante, junhito vai viver no galinheiro!” (COUTO, 2007, p.12). Essa foi a solução que Taímo achou para impedir que seu filho menor junhito venha a sofrer com a guerra.

Fez seguir ordens de seu mandamento o miúdo devia mudar, alma e corpo, na aparência de galinha. Os bandos quando chegassem não lhe iriam levar. Galinha era bicho que não despertava brutais crueldades. (COUTO, 2007, p. 12)

O absurdo dessa ideia nos remete a uma verdade, a de que os bandos são capazes de serem mais cruéis com seus semelhantes do que com animais. O

próprio Kindzu, mesmo sem conhecer muito do mundo, já nos mostra a visão do povo sobre seu país diante da guerra:

Agora eu via o meu país como uma dessas baleias que vêm agonizar na praia. A morte nem sucedera e já lhe roubavam pedaços, cada um tentando o mais para si. Como se aquele fosse o último animal, a derradeira oportunidade de ganhar uma porção. De vez enquanto, me parecia ouvir ainda o suspirar do gigante, engolindo vaga após vaga, fazendo da esperança uma maré vazando. Afinal, nasci num tempo em que o tempo não acontece. (COUTO, 2007, p. 14).

O romance destaca figuras de linguagem, as quais servem para representar em sua ficção a dor, a miséria e as consequências traumáticas da guerra civil. Com sutilezas são as descrições da realidade. A metáfora do país sendo retratado pela a baleia encalhada na praia, onde lhe arrancavam pedaços sem nem esperar a morte suceder-se, representa o país, Moçambique que estava encalhado nos escombros de uma guerra de independência e já se via diante de outra.

E quando Kindzu fala que nasceu num tempo em que o tempo não acontece, ele demonstra que nada muda a sua volta, as mesmas lutas, as mesmas dores. Mia Couto era preocupado com a reconstrução do seu país ao mesmo tempo que o autor mostra a realidade da guerra, bem como tenta reconstruir o país, reconstruir a identidade nacional, sobre identidade em construção Sousa afirma:

Moçambique necessitou recuperar ou criar uma nova identidade após o período de colonização. Assim, o país poderia, relativamente, desvincular-se de Portugal e conseguir adquirir um lugar no mundo. Nesse sentido, percebe-se que a ideia de busca de uma moçambicanidade destaca-se em *Terra Sonâmbula* e mostra-se com o sentimento de um povo constituído por uma identidade em movimento. (SOUSA, 2013, p.15)

As figuras de linguagem em *Terra Sonâmbula*, trazem em si os múltiplos sentidos que enriquecem o romance e suas interpretações. Em suas páginas iniciais, Couto narra que, após Muidinga ter quase morrido por causa da raiz envenenada, o jovem “se meninou outra vez”. (...) Quando ele e Tuahir iniciaram a viagem saindo do campo de refugiados: “já ele se acostumava de cantar, dando vaga a distraídas brincadeiras”. (COUTO, 2007, p. 07). Na segunda infância de Muidinga, suas brincadeiras eram suas próprias criações, daí se tem a palavra criada por Couto para dar conta desse momento do personagem.

O mesmo ocorre em outra passagem do romance quando o menino conjuntura as cores que havia na aldeia de Kindzu o menino imagina como seria uma aldeia com cores vivas, trazendo a leveza aquele lugar onde a guerra tinha havia desbotado a esperança do que ali passavam, e Muidinga se indaga: “Quando é que cores voltariam a florir, a terra arco-iriscando?” (COUTO, 2007, p. 22). Aqui a transformação verbal do substantivo “arco-íris” sintetiza a diversidade de colorações que Muidinga presume ter existido na aldeia, apesar de não ter conhecido e condensa a metáfora da oração “como se fosse arco-íris” na singularidade do neologismo “arco-iriscar”. Desse modo, percebemos que no cenário de guerra não há cores, tudo é cinzento e escuro como o luto, como uma eterna noite onde o nascer do sol já não reflete seu significado de luz.

Inocência Mata (2006) aborda sobre os valores da linguagem e a situação da Língua Portuguesa nos países africanos que conquistaram a independência de Portugal. A autora chama a atenção para a diversidade linguística entre países africanos de língua oficial portuguesa, e observa ainda como essa variedade engendra consequências muito próprias em cada um desses países. A linguagem é um dos fatores mais importantes, uma das melhores qualidades desta obra, Mia Couto tem como base na sua linguagem, da sua criação literária a oralidade moçambicana, oralidade do português de Moçambique, esses são os efeitos de quase 500 anos de colonialismo. Embora quase 70% da população moçambicana fale outras línguas o português é a língua oficial e é essa língua que Mia Couto usa na sua literatura.

À medida que o romance transcorre, as categorias tempo e espaço se organizam, elementos do âmbito metaempírico se configuram e o realismo animista, concepção primeira como sistema de pensamento relacionado lírica e contemporânea de raiz. É justamente nessa transmutação com o outro, na troca do enunciado com o leitor, que a ação associativa se concretiza. O sentido se faz por meio da recriação a partir da vivência da personagem que visa à significação, que abre um espaço mais amplo às relações dialógicas, assim tornando também o leitor um criador, sem interferência no registro único e primeiro do autor: “todo criador, recria a lógica do próprio objetivo, mas não cria nem a viola. Até uma criança que brinca recria a lógica daquilo com o que brinca” (BAKHTIN, apud CONCATO, 2017).

Adotando o romance que é um gênero essencialmente europeu, Mia Couto consegue fazer dele uma expressão africana. Ele traz para seu espaço escritural outras linguagens como o mito, a máxima, os provérbios, os neologismos, criando uma nova cultura em português. (FONSECA, CURY, Apud RABELLO 2011, p. 14). Em *Terra Sonâmbula*, essa oralidade, no entanto, não é simplesmente transportada para o livro, existe todo um trabalho de criação literária, e uma das qualidades do autor é essa capacidade que ele tem de recriar a oralidade através da linguagem literária.

É notável, de fato, que Mia Couto faz com a Língua Portuguesa o que ele próprio chamou de “brincadeiras” criando neologismos e expressões peculiares, essa é a maneira que ele achou de se apropriar de uma língua a qual veio do colonizador, mas modificando-a segundo sua sensibilidade artística.

Vale ressaltar que essa criação linguística esses neologismos, esse ritmo quase poético são características do autor Guimarães Rosa; *Terra Sonâmbula* possui uma estrutura bastante original, são duas histórias que vão acontecendo paralelamente, mas vão também se intercalando, temos a história do Muidinga e do Tuahir e em segundo plano temos a história de Kindzu, o texto é narrado em primeira e em terceira pessoa.

Há uma voz em terceira pessoa, onisciente não participava da história nos apresentando uma visão de fora das aventuras das personagens que se sucedem ao longo dos capítulos e uma voz em terceira pessoa narrando os escritos de Kindzu, assim nós temos uma visão interna do protagonista que está vivendo aquele drama.

Se analisarmos bem veremos que Muidinga e Kindzu desempenham, em *Terra Sonâmbula*, o papel das vítimas. Duas histórias que se cruzam, de dois meninos, senão de fato crianças, ao menos espiritualmente o eram. São eles que, na narrativa dão vozes ao povo moçambicano. Entendemos como “povo” a maioria da população excluída do poder político, econômico e social.

É importante destacar também que mesmo sofrendo com a discrepância social, e com o analfabetismo havia em Moçambique o incentivo da FRELIMO de

abrir unidades escolares, pois era nas escolas que os negros aprendiam a ler e escrever a língua portuguesa e também a nativa, como dizia o pai de Kindzu, aprendiam “feitiçaria dos brancos” (COUTO, 2007, p. 15). Kindzu sabia do pensamento da família “Minha família receava que eu me afastasse de meu mundo original. Tinham seus motivos. Primeiro, era a escola. Ou antes: minha amizade com meu mestre, pastor Afonso”. (COUTO, 2007, p.15) e ele assumia tal pensamento como sendo verdade quando ele diz: “Mas esse era um mal até desejado”.

É certo que a família do jovem via a leitura como uma possibilidade de ascensão social, mas, para o rapaz, importava mesmo era a amizade com o mestre Afonso e a paixão que sentia pelas letras, ser um “escrevinhador de papéis como se neles pudessem despertar tais feitiçarias”. (COUTO, 2007, p15).

Terra Sonâmbula também destaca diversos temas muito discutidos, como: a xenofobia, o preconceito e intolerância, tiramos como exemplo dentro do romance típico desses temas o personagem Surendra, o indiano, e sua esposa que a todo instante aparecem como vítimas de hostilidade e ódio. Os brancos eram racistas com os negros, os mesmos seguiam com racismo com os imigrantes que em suas terras moravam. O indiano, se via constantemente alvo de preconceitos e ataques dos bandos. (Bandos: *designação popular de bandidos armados*). Começando pelos pais de Kindzu que não aceitavam sua amizade com o indiano afirmando: “ – Umonhé não conhece amigo preto”. (COUTO, 2007, p. 15).

Mia Couto apresenta-nos, assim, o panorama de um Moçambique pós-independência a partir das relações inter-raciais de uma nação de maioria negra, (PAIANI, 2013). “Com o indiano minha alma arriscava se mulatar, em mestiçagem de baixa qualidade”. Foram tantas as investidas contra Surendra que ao fim incendiaram a casa do indiano, matando sua esposa. Como se observa o trecho abaixo:

(...) Voltei a janela e espreitei: o fogo já se tinha todo espalhado, o chão se calçara de chamas. Gritei por ela, nem eu escutava a minha voz. O fogo é um exclusivo dono, o exuberante macho.(...) - Surendra: você viu, Assma... ninguém pôde fazer nenhuma coisa...” (COUTO, 2007, p. 71).

Temos também como tema discutido dentro do romance o estupro, que acontece com mais de um personagem, o menino Muidinga quando sem querer

encontra umas senhoras fazendo um ritual para salvar a colheita, “estava a ser violentado, em flagrante abuso”. (COUTO, 2007, p.61). E com a personagem Farida, que após a morte de sua mãe na aldeia onde habitavam foge e após desmaiar: “Despertou numa casa de cimento, deitada em colchão de espuma. Lhe tinham levado para a residência de um casal de Portugueses”. (COUTO, 2007, p.45). Esses eram Romão Pinto e Dona Virginia sua esposa, “trataram dela durante anos. Lhe ensinaram a escrever e falar, lhe corrigiram as maneiras que trazia da terra”. Percebe-se aqui a necessidade de mudança, na qual os portugueses conseguiam retirar as origens de cada habitante.

Faz-se referência também ao poder aquisitivo, ao meio social de cada indivíduo, quando se fala que Farida acordou numa casa de cimento deitada em colchão de espuma, se vê a diferença do meio de vida, Romão Pinto fazia parte da elite dominadora. Este por sua vez, “se homenzarrou, abusando dela toda inteira”. E logo mais Farida tem um filho chamado Gaspar fruto desse abuso, a iniciação sexual, a inocência, é aflorada, muito cedo pois, em tempos de guerra são eles os inocentes quem mais sofrem. Como são fortes os costumes, rituais e superstições que dão segurança a esse mundo que Mia Couto descreve.

Constatamos também que a miséria a pobreza e a fome são retratadas no romance, durante o período de guerra, podemos observá-la por todos os lados, pessoas que estão a todo instante fugindo da guerra e com isso chega as consequências o sofrimento. A fome vem sendo retratada desde o início quando Muidinga tenta se alimentar e envenena-se comendo mandioca azeda que em Moçambique chamam de “maquela” o que derivou no menino, uma doença que o fez perder a memória.

E mais adiante veremos outro fato onde a fome é retratada, quando o miúdo e o velho encontram um cabrito. “Surge ali um novo motivo de briga. Muidinga opõe-se a que o bicho seja morto. O cabrito lhe dá um sentimento de estar em aldeia, longe daquele lugar perdido”. (COUTO, 2007, p.22). O bicho remete ao miúdo a convivência com a família, e esse sentimento também é contrastado com a necessidade da alimentação, pois: “O velho insiste em assar o cabrito: o rapaz deixasse o tempo passar e pensaria com a barriga. A fome quando ferra nos faz feras” (COUTO, 2007, p. 22).

Mais a diante após o cabrito ter sido roubado, Tuahir volta a falar em fome e

no mal que ela causa as pessoas, Muidinga se entristece e se cala e o velho Tuahir ensina o menino a enganar a fome. “ – Já esqueceu falar, outra vez? É da fome isso. Sabe o que você faz? Você engole com força. É, engole saliva, faz conta está entrando comida na garganta. A fome fica confusa, assim”. (COUTO, 2007, p.31). Temos nesse breve fragmento uma ação de sobrevivência.

Matimati representa em *Terra Sonâmbula*, uma das muitas cidades moçambicanas em que os governantes eram vistos como “os brancos de pele escura” (PAIANI, 2013) ganhavam o controle das poucas doações que chegavam a eles, distribuindo aos pobres, migalhas do que sobrava, e toda forma de protesto do povo era combatida com extrema violência, mantendo o povo calado e a fome agravada. O governo aqui é visto não só como traidor da causa revolucionária, mas também como corrupto e desviador de donativos, totalmente contrário as tradições africanas, vejamos:

Foram as promissoras ameaças do administrador no fecho do comício. Depois para levantar a poeira sem mexer na areia, o administrador se abateu sobre o secretário Ihe lançando acusações de desvios e abusos. Assane foi preso, sujado por mil bocas. Na prisão Ihe bateram, chambocado (espancado com uma vara ou pau). Nas costas ate que as pernas se exilaram daquele sofrimento que Ihe era infligido (COUTO, 2007, p.35).

E esse era o castigo para aqueles que se opusessem aos governantes, “perdeu o sentimento da cintura para baixo”. (COUTO, 2007, p.35). É nessa ilha fantástica que Kindzu conhece Farida, uma mulher que resolve fugir da aldeia em que morava e decide se refugiar no navio abandonado no meio do mar. Kindzu acha interessante a história da mulher e vai então até o local para saber mais sobre a tal.

Ele usa seus cadernos para eternizar as histórias passadas em sua viagem. Farida então se apresenta, e Ihe incumbe de procurar por seu filho perdido, Gaspar. Fica claro então o registro da oralidade na longa conversa de Kindzu e Farida, onde ela diz que precisa contar a história dela, “ – Por favor, me escuta...” (COUTO, 2007, p.38). E Kindzu então a escuta e mais uma vez as narrativas orais ganham espaço entre os personagens.

A literatura teria aqui “função resgatadora”: os diários que Kindzu escreve e as *estórias* que os personagens de *Terra Sonâmbula* contam são o modo pelo qual Mia Couto buscaria resgatar essa África que, segundo seus personagens, estaria condenada ao desaparecimento.” (PAIANI, 2013, p.81)

Era contando estórias que se buscava por um passado já perdido, e esquecido. “Durante a sua longa fala me calei como uma sombra para lhe dar coragem. A mulher se trocou por palavras até quase ser manhã”. (COUTO, 2007, p.43). Na fala de Kindzu destacamos o quão era importante o ato de ouvir estórias, a ponto dele se calar feito uma sombra para assim da luz a voz de Farida.

A seguir, mas um fato nos chama a atenção, os ladrões se multiplicavam, o que era conseguido com trabalho e esforço era ganhado pela força dos bandos, e Surendra, o indiano, percebia isso com clareza e transmitira em uma conversa com Kindzu seus ensinamentos:

Tinha que haver guerra, tinha que haver morte. E tudo era para quê? Para autorizar o roubo. Porque hoje nenhuma riqueza podia nascer do trabalho. Só o saque dava acesso as propriedades. Era preciso haver morte para que as leis fossem esquecidas. Agora que a desordem era total, tudo estava autorizado. Os culpados seriam sempre os outros. (COUTO, 2007, p.62)

Nesta primeira parte destacamos que, *Terra Sonâmbula* é um livro de memórias, é um livro de Estórias, um livro de política, sobretudo profundamente lírico já não lhe falta um elemento com história de amor. Mia Couto retrata essa vida cujas morais e éticas da sociedade são deturpadas pelo ambiente da guerra. Tudo que lemos acima nos chocou bastante, nos deparamos com algo distante e insólito, mas para quem sofre com as regras crua da guerra tudo torna-se natural e passa a ser parte do cotidiano, quando a personagem Virgínia relata o momento em que encontrou um corpo estendido ao chão, era um menino que apenas dormia exausto, “ela confirmou que o menino ainda estava vivo”. (COUTO, 2007, p.97). No entanto ela não o ajuda, ao contrário com uma pá ela cava um buraco e o enterra vivo. “Morre, meu menino. É melhor morrer-se, enterradinho, que ficar aqui.” (COUTO, 2007, p.97). Sobre este ponto Munanga argumenta:

O africano vive em familiaridade com a morte, sendo a morte individual apenas um momento do círculo vital que não prejudica a continuidade da vida. Isso não significa ou não impede que a morte provoque uma desordem tanto na pessoa do defunto como entre seus próximos, na sua linhagem e em toda a sua comunidade. Os ritos funerários servem justamente para contornar de forma simbólica a desordem e restaurar o equilíbrio emocional do grupo abalado pela morte. (MUNANGA, 2012, p.32).

Através desses trechos podemos perceber como o autor trabalha a descrição de Moçambique e seu povo:

Fiquei sabendo que havia mães que roubavam comidas dos filhos, e no meio da noite, lhes tiravam a manta que os protegia do frio. (...) aquilo nem maldade não era. Simplesmente, as mães ensinavam aos filhos os modos da sobrevivência. (COUTO, 2007, p.109)

As mães precisavam sobreviver para poder cuidar dos filhos, tirar comida dos filhos era o único meio, que elas achavam para continuar vivas e protegê-los, a guerra mexia com suas mentes e com o modo de pensar e agir.

A fome, a violência, a dor, a solidão e tantos outros elementos afetam a vida de todas as pessoas. É uma narrativa cheia de espaços vazios, com um cenário constante de guerras, é uma história de sofrimento, tudo que é contado na obra é desolador, mas ao mesmo tempo lírico, extremamente poético.

Há os espaços vazios da guerra, os vazios dos sonhos que foram destruídos, o vazio do esquecimento, fazendo aqui referência tanto ao Muidinga, quanto a todos os moçambicanos que insistiam em esquecer as lembranças da guerra, dessa Moçambique perdendo a memória, da ancestralidade morta, da oralidade onde ninguém mais escuta, percebe-se a ausência das pessoas, e novamente fazemos referência ao miúdo órfão de família, a Kindzu e Farida os quais perdem parentes, aos imigrantes e os moçambicanos que perderam seu legado. Então todas essas ausências serão preenchidas pela escrita, dos diários de Kindzu. Portanto, Mia Couto transmite em seu romance o tamanho da importância que se tem sobre a narrativa, e a escrita, o poder da palavra de transcender horizontes de imortalizar momentos, para além da crueldade da guerra no cotidiano de Moçambique.

3.1 SONHO E REALIDADE: o imaginário no cotidiano moçambicano

Vimos anteriormente o trabalho minucioso do autor Mia Couto ao retratar a guerra em seu romance, apontamos agora nesse terceiro momento o imaginário, este sobrenatural que é parte integrante da vida do moçambicano, mesmo aqueles que vem de fora acabam sendo envolvidos pelas crenças, pelos costumes, remodelam sua forma de ver o mundo.

É nesse universo do realismo animista que as histórias se perpetuam em tradição oral. O encantamento mágico é o componente principal que dá sentido ao insólito nascido do mundo real e cerca a vida das personagens.

No romance o autor dá vida a esse imaginário, mostra como a realidade convive com a fantasia. Em uma das frases de Kindzu ele sintetiza a relação do homem com a mitologia, “A razão deste mundo estava num outro mundo inexplicável. Os mais velhos faziam a ponte entre esses dois mundos”. (COUTO, 2007, p. 11). Aqui podemos ver que persiste uma forte tradição de transmissão da literatura e dos saberes essencialmente por via oral, ou seja, por meio das histórias contadas pelos mais velhos aos mais novos, o autor vai buscar em cada moçambicano uma história e/ou uma crença diferente, para assim, costurar fio a fio o seu romance.

No que diz respeito à crença desses povos, Iraê Ludin, antropóloga social, e estudiosa da realidade sócio- cultural moçambicana, citado por Sousa, (2013, p.20), levanta o seguinte conceito de religião: “religião é uma instituição que possui os seguintes aspectos: um carácter normativo; algo sagrado; rituais ou manifestações cerimoniais [sic] rigorosamente estruturadas; unidades no ritual e a crença em algo sobrenatural”.

Já segundo Oliveira (2002, p. 04), a organização social das comunidades africanas é centrada nos mais velhos e antepassados que são “considerados os donos da terra e os protetores do grupo porque foram eles que primeiro plantaram e eles são responsáveis pelo que acontece na comunidade”. Nesse sentido, diz Oliveira (2002, p.48), “crença e organização social estão intimamente ligados e as normas e crenças derivam dos antepassados, isto é, daqueles que, mesmo mortos, são concebidos como atores sociais dentro do grupo, participam da vida do grupo e a influenciam”. (SOUSA, 2013, P. 20).

Segundo Paiani (2013, p. 72), o romance revela a necessidade que os personagens tinham de buscar amparo nas tradições pré-revolucionárias – nos conselhos dados pelo nganga (adivinho), algo como faziam os gregos antigos com o oráculo; na proteção contra os feitiços dos vivos e os maus espíritos dos mortos; nas rezas, canções e danças como modo de evocar os espíritos e intervir na realidade.

A relação do povo do interior com a fé era algo profundo, para a tradição africana, por exemplo uma árvore pode conter a eternidade, visto que, dentro dessa cultura, quando se morre se integra novamente na natureza, regressando ao universo como um ciclo de vida ininterrupta, por este motivo diz Concato (2017, p.07). [...] “o mundo dos mortos conversa de forma natural com o mundo dos vivos.”

A morte de Taímo por ser algo misteriosa, fez com que o seu filho Kindzu e sua mãe procurassem o feiticeiro da vila para explicar as possíveis causas. Este recomendou uma série de cuidados para que pudesse Taímo descansar em paz. “Consultamos o feiticeiro para reconhecer o exacto da morte de meu pai”. (COUTO, 2007, p. 13). De acordo com estudos de Souza, veremos como se dava essa questão do sobrenatural, crenças e religiões:

Na costa da África que vai do Senegal a Moçambique, ou seja, aquela na qual portugueses e outros povos europeus negociavam escravos, e nas regiões do interior ligadas a esses litorais, quase tudo era explicado e resolvido por forças sobrenaturais, manipuladas por curandeiros, adivinhos, médiuns e sacerdotes, que foram chamados de feiticeiros pelos Portugueses que primeiro chegaram à África. Estes, guiados pelo seu ponto de vista e usando seu vocabulário, chamaram de feitiço as práticas mágico-religiosas que víamos africanos fazer. (SOUZA, 2014, p.44).

Em época de escassez de alimento, ainda assim, Kindzu era incumbido por sua mãe de todas as noites levar uma panela de comida a casinha do morto assim como receitou o feiticeiro, “no dia seguinte, a panela estava vazia, raspadinha”. (COUTO, 2007, p. 13). Essa tradição era importante, pois, transcende a miséria: saciar a fome dos mortos, pelo seu sentido sagrado, adquire maior relevância que a dos vivos, pois para eles os espíritos poderiam intervir no plano terrestre. Tanto para o bem, protegendo os vivos, quanto para o mal não os protegendo.

O clã dos guerreiros místicos, ou seja, os naparamas podem ser vistos como o ponto de intercessão entre a necessidade de combater uma guerra atual utilizando-se dos feitiços e artefatos da tradição moçambicana. Em nenhum

momento do livro os *naparamas* têm seus poderes questionados de forma cética, assim como a maior parte dos elementos fantásticos do romance. Descritos por Surendra como:

Eram guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que lutavam contra os fazedores de guerra. Nas terras do Norte eles tinham trazido a paz. Combatiam com lanças, zagaias, arcos. Nenhum tiro lhes incomodava, eles estavam blindados, protegidos contra balas. (COUTO, 1992, p.16).

Em um momento de desespero causado pela guerra Kindzu resolve seguir viagem com intuito de juntar-se aos *naparamas*, antes de partir ele consulta os anciãos e os *nganga* (adivinho-curandeiro):

O velho *nganga* atirou os ossinhos mágicos sobre a pele de gazela. Os ossos caíram todos numa linha, disciplinados. — Está ver, todos alinhados? Isso quer dizer: você é um homem de viagem. E aqui vejo água, vejo o mar. O mar será sua cura, continuou o velho. A terra está carregada das leis, mandos e desmandos. O mar não tem governador. (COUTO, 1992, p.18).

Logo, a imagem do *naparama* no romance remete aos heróis mitológicos, aqueles dotados de superpoderes sobre os humanos. Esses “*naparamas*” tentam através de um combate pessoal eliminar o mal, na última frase nos mostra a naturalidade com os quais tratam o sobrenatural, ao dizer que eles estavam blindados e nenhuma bala poderia atingi-los.

Ao longo da ficção o autor faz menção a diversos seres da mitologia moçambicana, entres eles fantasmas, demônios e anões. Tudo é visto com naturalidade apesar de em certos momentos a narrativa não deixar claro se a presença não passou de alucinação, ou talvez seja mais uma das “brinciações” do autor.

Nos livros de Kindzu sempre surgia a aparição desses seres fantásticos, um deles pede ajuda indicando o local do barco, era um *Tchóti* um anão que caia do céu, o próprio pai também *Ihe* aparece diversas vezes para *Ihe* atormentar assim Kindzu dizia “A viagem mal começava e já o espírito de meu velho me perseguia”. (COUTO, 2007, p.25) a seguir veremos mais uma das aparições das criaturas onde ele descreve o momento do pesadelo:

Levantei os olhos; ele ali estava! Nem eu posso trazer o recorde dessa figura. Suas formas não figuravam um desenho de descrever, semelhando um malfeitor vindo dos infernos. Sempre eu só ouvira falar deles, os psipocos, fantasmas que se contentam com nossos sofrimentos. Ali estava um deles, inteiro de sombra e fumo". (COUTO, 2007, p. 26).

O autor apresenta inúmeras situações de forma figurada, com referências aos mitos, as lendas e ao folclore nacional. Pelo realismo fantástico das suas narrativas, é comparado a nomes como Gabriel Márquez, Guimarães Rosa e Jorge Amado assim como alguns de seus contemporâneos, preocupa-se com a identidade dos povos africanos e busca solidificar a independência do seu país.

Sua obra mostra o conflito entre a imposição dos valores coloniais e os valores tradicionais, que, mesmo reprimidos, conseguiram se preservar por meio de situações inusitadas que os colonizadores jamais conseguiram dominar ou compreender.

Essas situações, que aparecem nos livros de Mia Couto, refletem uma maneira de pensar e viver típica e são uma forma de resistência cultural do povo moçambicano. Muitas vezes a relação com o sobrenatural é caracterizada como uma forma de lidar com a miséria, como esperança. Os rituais tentam trazer sorte, paz, alimento ao povo. É o que acontece na ilha de Matimati que veremos a seguir:

Era esta a razão por que se escutavam tambores consecutivos, rezas obscurantistas em todas as praias, clamando aos antepassados para outros navios se afundaram, suas cargas se espalharem e desaguarem nas mãos dos famintos. (COUTO, 2007, p.35)

Por diversas vezes o sonho aparece como elemento que faz os personagens seguir adiante, Kindzu é movido por seus sonhos, de virar um naparama e acabar com a guerra, logo é incumbido a ele uma outra missão a de encontrar Gaspar e ele vai tentar resolver, no sonho é que reside a esperança, a guerra faz com que os sonhos morram, trazendo consigo a desesperança e o sentimento de desencanto.

Então o personagem preenche os cadernos com a descrição dos sonhos, e é exatamente o contato com os escritos o que desperta em Muidinga a revelação de que ele é alfabetizado, surge ali uma lembrança ao desmemoriado, de fato o garoto sabia ler e escrever, fato marcante que revoluciona a vida e conseqüentemente a

visão de mundo através da vivência fantástica que só a leitura é capaz de proporcionar, nesse caso os cadernos de Kindzu que lhe são permeados. Conforme o miúdo ler suas histórias ele vive os sonhos de Kindzu e percebe que a estrada anda e o tempo muda, a paisagem se transforma.

O menino vive intensamente cada aventura narrada nos cadernos, ao ponto de misturar a realidade e fantasia, e por um momento chega a achar que ele é o irmão de Kindzu que fugira, “ – vou dizer. Estou a pensar eu sou junhito. – Quem é junhito? – Junhito, esse menino do escrito que eu li, aquele da capoeira”. (COUTO,1992, p.24.) Logo, ele se entrega a leitura novamente ao ponto de querer ser o próprio Kindzu assim, ele propõe ao Tuahir para brincar que ele seria Kindzu e Tuahir seria o pai dele o velho Taímo. “ – Tio, vamos fazer um jogo.

Vamos fazer de conta que eu sou Kindzu e o senhor é meu pai! – Seu pai? – Sim, o velho Taímo. Tuahir negou. O tal Taímo era um falecido. E com os falecidos nunca é bom brincar. Ainda por cima era um morto desconsolado”. (COUTO, 1992, p.91) em dado momento da narrativa o Kindzu reencontra o pai e se reconcilia e Muidinga encontra no tio o pai que procurava.

Kindzu era é um andarilho e em cada lugar no qual ele passa por diversas vezes ele vira ouvitor de estórias e então ele escreve tudo em seus cadernos, os mesmos que o miúdo carrega com sigilo durante a viagem com seu tio. É a oralidade transformada em escrita. Vamos então pensar nesse personagem Kindzu como um herói épico, no sentido em que ele empreende uma imagem, ele precisa abandonar a terra de origem, seu ambiente familiar, em busca de si mesmo. E só no decorrer da narrativa é que ele vai entender a busca pela identidade.

Quem viaja, larga muita coisa na estrada. Além do que larga na partida, larga na travessia. À medida que caminha, despoja-se. Quanto mais descortina o novo, desconhecido, exótico ou surpreendente, mais libertar-se de si, do seu passado, do seu modo de ser, hábitos, vícios, convicções, certeza. Pode abrir-se cada vez mais para o desconhecido, à medida que mergulha no desconhecido. (IANNI apud BACH, 2008, p. 18).

Da mesma forma que o velho Tuahir e o menino estão a viajar pela estrada morta em busca também do eu que existe dentro de si, em busca de um lugar melhor, de uma vida melhor. No romance o quarto capítulo é narrado a história de Siqueleto, vamos observar a partir desses escritos a integração do velho ao novo,

nessa viagem eles são surpreendidos ao caírem numa armadilha o velho siqueleto os tira do buraco e fala à língua nativa, mas Muidinga não entende e Tuahir serve de interprete e então o autor mais uma vez mostra que os papéis se invertem, observa-se aqui a dependência do novo ao velho, antes era o menino que lia para Tuahir, agora temos o ancestral a traduzir e contar histórias e o garoto agora passa a ser o ouvinte.

Mas adiante, Siqueleto pede ao Muidinga que escreva seu nome numa árvore, mostrando agora a dependência do velho ao novo. Temos mais uma vez o valor da troca de experiências, da troca de histórias. Logo esses acontecimentos surgem para mostrar que o velho anda de mão dadas com o novo, o passado com o presente, em *Terra sonâmbula*, vê-se que o conhecimento ancestral é necessário para que se possa construir um futuro promissor.

Agora podem-se ir embora. A aldeia vai continuar, já meu nome está no sangue da árvore. Então ele mete o dedo no ouvido, vai enfiando mais e mais fundo até que sentem o surdo som de qualquer coisa estourando. O velho tira o dedo e um jorro de sangue repuxa da orelha. Ele se vai definhando, até se tornar do tamanho de uma semente. (COUTO, 2007, p.42).

Os elementos fantásticos muitas vezes tomam proporções que causam um enorme estranhamento, beirando o absurdo, o fato de se colocar o dedo no ouvido até jorrar sangue já é de extrema fantasia, que mais uma pessoa possa se definir e chegar ao tamanho de uma semente. Essas são na verdade, lendas e crenças moçambicanas, que o grande Mia Couto traz para sua narrativa.

Mas o desdentado aldeão já anoitecera, queixo no peito. Seu mundo já era esse que Tuahir anunciara, de extensos sossegos. O próprio Muidinga está como se encantado com as palavras de Tuahir. Não é a estória que o fascina mas a alma que está nela. (COUTO, 2007, p.41).

Vamos perceber os vários momentos metalinguísticos, em que o narrador está mencionando a própria literatura, do valor e da importância que tem a palavra dentro dessa narrativa, mas uma característica marcante do autor. Muitas dessas crenças não surgem só como costumes e cultura, mas agem de forma negativa

trazendo dor, como na triste história da mãe de Farida, que ao parir gêmeas é obrigada a matar uma de suas filhas, o não cumprimento da tradição traz consequências ruins para a aldeia, a falta de chuva e para aplacar a ira dos antepassados as mulheres enterram a mãe de Farida num buraco com lama por vários dias até sua morte.

Seguindo com os elementos fantásticos dentro do romance, surge na narrativa mais uma figura que foge da normalidade, o fazedor de rios, Muidinga e seu tio se deparam com um homem que está tentando sozinho, cavar um rio.

Estava tão seguro que começara por escavar o chão da própria casa. Ruíram as paredes, desabou-se o tecto. Os seus se retiraram em dúvida da sua sanidade. Idos os próximos, irados os distantes. O sujeito desafiava os deuses que aprontaram o mundo para os viventes dele só se servirem, sem ousarem mudar sua obra. Mas Nhamataca não desistiu, covando no dia a noite. Foi seguindo, serpenteando entre vales e colinas, suas mãos deitando e renovando mil vezes as sagradas e calejadas peles. E agora, sentado na ribanceira, guarda com vaidade a sua construção. (COUTO, 2007, p.52).

O fato de um homem sozinho conseguir cavar um rio, é com certeza fantástico, mas vejamos o real motivo de todo trabalho, ou podemos dizer do seu desejo de ter um rio. No decorrer da narrativa, o autor esclarece os reais motivos: “As águas haveriam de nutrir as muitas sedes, confeitar peixes e terras”. (COUTO, 2007, p. 52).

Observemos então como era forte o desejo de saciar a sede dos povos durante a sangrenta guerra, de fartar-se com peixe alimentando os famintos e de ter uma boa terra para plantar. “Por ali viajaríamos esperanças, incumpridos sonhos”. (COUTO, 2007, p.52).

Surge aqui a vontade de ser novamente livre, de ter novamente seu país limpo de todo mal que a guerra trouxe. “E seria o parto da terra, do lugar onde os homens guardariam, de novo suas vidas”. Aqui ele faz a comparação o parto da terra, pois ter um rio, ter água e alimento seria como nascer uma nova terra em Moçambique, onde haveria novamente habitantes, famílias, residências, o cotidiano.

As práticas religiosas também são bem descritas, dando uma sólida imagem a fé moçambicana. Percebemos então como os rituais são feitos, quais as restrições, os materiais, e como tudo é executado. “Traziam ramos nas mãos e com eles iam batendo no chão”. (COUTO, 2007, p.60).

Muidinga seguindo viagem com seu tio Tuahir encontra então umas mulheres, eram idosas: “Á frente, vem uma velha, corcunda, esbafurada”. (COUTO, 2007, p. 60). Estas senhoras estavam em sagrada cerimonia, para afastar gafanhotos da lavoura. Após a descoberta do garoto, as idosas avançam com tamanha euforia e espancam o menino, que não entende o por que está a apanhar. “o miúdo se humilha, olhos prestes a se aguarem, indefeso como bicho fora da toca.” (COUTO, 2007, p. 61). Não se dando por satisfeitas as velhas estupram o rapaz, vejamos o trecho no qual narra bem esse acontecimento.

Então, a mais velha se coloca de pernas abertas sobre seu corpo derrubado e, num puxão, se desfaz da capulana. Aparecem as usadas carnes, enrugadas até os ossos, os seios pendentes como sacos mortos. Ela grita, se lambe a si mesma, em inesperadas volúpias. Sobe a mão por entre as pernas e se deixa cair sobre o rapaz. (...) estão nuas, dançando frenéticas à sua volta. A mais idosa dá mais avanço a seus intentos, puxando as íntimas partes do rapaz, abraçada como se lhe quisesse arrancar a alma. Muidinga nem se quer inteirar da sucedência: estava a ser violentado, em flagrante abuso. (COUTO, 2007, p.61).

O pobre moço nem sabe se perdeu o consento ou se o mundo rodou mais rápido que as mulheres endoidadas, (COUTO, p.61) Muidinga desmaia, e é acordado por seu tio, que explica com modos paternos o que se sucedera, “A chegada de um intruso quebrou os mandamentos da tradição.

Nenhum homem pode assistir a esta cerimónia. Nenhum, nunca”. (COUTO, 2007, p.61). Na verdade, o menino foi vítima de uma determinada situação, mostrando a fragilidade daqueles que andam sem destino, o abandono que cercam as crianças vítimas de todo tipo de crueldades. “Muidinga se deixa levar nos braços do velho. Lhe sabe bem aquele abandono, as marcas dos brutais apertos lhe parecem nem existir”. (COUTO,2007, p. 61).

Mia Couto deposita em sua narrativa *Terra Sonâmbula*, um grande arsenal de material místico e de cultura africana; desse modo, em meio ao sofrimento, e todos os horrores de uma guerra, há algo mágico que dá vias ao sonho e que mostra algo de profundo e misterioso naquele lugar.

No relato de Kindzu, por diversas vezes o campo dos sonhos é citado, o onírico sempre presente em sua imensidão e imaginação pura. Além de sonhar com pai morto ele em sua última explanação, no último caderno, é dedicada a um sonho extremamente significativo e proférico.

E essa mistura de realidade e fantasia faz toda diferença, se durante as visões do personagem Kindzu com seu pai ficava a dúvida se era alucinação ou realidade essa dúvida se desfaz quando volta em cena um personagem já morto, Romão Pinto o português havia morrido depois de acostar a uma mulher menstruada, de acordo com as crenças moçambicanas, isso causa a morte.

Romão morre, mas, seu espírito insiste em ficar na casa e atormenta Quintino, que sempre lhe servia como seu escravo “Nem Quintino nunca vira antes ambos pés de seu patrão”. (COUTO,2007, p.86).

Quintino Massua passou a mão sobre a poeira, num gesto esquecido de empregado de limpeza. De súbito, um barulho lhe gelou o nervo. Olhou, conquanto nem quisesse ver: o defunto, seu antigo patrão, se erguia do leito fúnebre. Romão Pinto, filho e neto de colonos, voltava à velha casa da família depois de mais de uma década de definitiva ausência. Ficou sentado como se lhe custasse regressar. (COUTO, 2007, p. 85).

Após regressar dos mortos, Romão apressou-se em saber quem era o “manda-chuva” do momento, e pede a Quintino que lhe traga até ele o administrador, e fizeram negócios, a partir do momento que uma segunda pessoa interage com o ser sobrenatural, temos então a confirmação de que o insólito no romance não faz parte de imaginação, nem de alucinações, mas sim faz parte de um mundo onde o imaginário se funde a realidade, dando ênfase a crença destruindo barreiras, construindo fatos. Logo Terra Sonâmbula nada mais é do que um vivo retrato do povo moçambicano, com suas dualidades, ricos em mitos e crenças vivenciados e deixados como um legado, para uma terra que vive um presente duro e cruel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“- Chorais pelos dias de hoje?

Pois saibam que os dias que virão ainda piores. Foi por isso que fizeram esta guerra, para envenenar o ventre do tempo, para que o presente parisse monstros no lugar da esperança.

Esta guerra não foi feita para vos tirar do país, mas para tirar o país de dentro de vós.

Agora, a arma é a vossa única alma. Roubaram-vos tanto que nem sequer os sonhos são vossos” (COUTO, 2007)

Este trecho foi retirado do livro *Terra sonambula*, *corpus* deste trabalho, compreendemos a partir dessa citação o título do romance, uma terra que anda enquanto dorme, uma terra que não despertou para sua verdadeira vocação de país livre. Essa é a grande batalha de Mia Couto na tentativa de (re)-criar essa nova realidade para Moçambique. É uma história de retalhos, que, contada, passa quase sempre pela realização da metáfora, configurando assim toda a prosa poética da narrativa.

O autor, nos conduz com sentimento de extrema importância, que foi estabelecido no período de guerra (e pós-guerra) civil: a compreensão de que a força das tradições e do imaginário cultural é na narrativa a ferramenta para a estratégia de resistência e de impulso utópico. No final dessa grande viagem, entre a tradição e o imaginário, nasce junto com o Muidinga a esperança de um tempo, um tempo repleto de sonhos e fantasias.

Temos à busca pelo eu, pela identidade perdida, o esquecimento que Couto tenta resgatar. Nas páginas de *Terra Sonâmbula* (2007), Mia Couto semeia a esperança de um futuro, no qual Moçambique, seja a terra dos sonhos de cada moçambicano: unidos pela tradição e ligados pela cultura global. Muidinga é no romance a criança que une o passado e o presente, através dos escritos dos antepassados, e através da literatura escrita.

A preocupação identitária permeia todo o livro, aliás como acontece com toda a obra de Mia Couto. Moçambique é uma história a ser contada: faz-se referência aqui ao projeto literário de Mia Couto, chamado de moçambicanidade, que nada mais é que o desenvolvimento de um país esquecido, devido as guerras e colonialismo, que busca incessantemente despertar do desatento abandono de si.

Neste sentido, *Terra Sonâmbula* exige um leitor que assuma a posição de investigador e procure descortinar cada nó proposto, cada mundo oculto. Um leitor que busque a percepção daquele mundo que se forma fora do alcance dos olhos comuns, dos olhos que só conseguem enxergar a aparência aquilo que está na superfície. No livro a hibridez representa não apenas uma marca das culturas pós-coloniais, mas resulta também na simbiose cultural.

No último capítulo do romance, num sonho que Kindzu tem, ele descreve em seus cadernos que encontrou o filho perdido de Farida, Gaspar é na verdade o Muidinga, encontra-se então a identidade perdida de Muidinga, por definição, por metaforização podemos afirmar que Moçambique está encontrando seu caminho, e com isso renascendo dos escombros de uma guerra civil sangrenta e que a maioria do povo moçambicano deseja esquecer para sempre. Contra esse apagamento de memória, temos o livro que preconiza a capacidade de sonhar e de contar.

REFERÊNCIAS

BACH, Carlos Batista. **Sonhos de esperança em uma Terra Sonâmbula**. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Dossiê: literatura, oralidade e memória - UFRGS – Porto Alegre – v.4 n°.1 – jan/jun 2008.

BOMFIM, Edcarlos R. **O colonialismo português em Moçambique segundo Eduardo Mondlane**. IV Congresso internacional sobre culturas memórias e sensibilidades: Cenários da experiência cultural contemporânea. Cachoeira – Bahia – Brasil, 21, 22 e 23 nov/2018.

CABAÇO, José Luis de Oliveira. **Moçambique: Identidade, colonialismo e libertação** / José Luis de Oliveira Cabaço; Orientador Kabengele Munanga. – São Paulo, 2007.

CONCATO, Camila. **A estrutura narrativa em terra sonâmbula de Mia Couto**. Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM – São Paulo. 2017.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KABENGELE Munanga. **Origens africanas do Brasil contemporâneo** : histórias, línguas, culturas e civilizações / Kabengele Munanga. [3.ed.] – São Paulo : Gaudí Editorial, 2012.

MATA, Inocência Ipotesi. **A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência?** Juiz de Fora, v. 10, n. 1, n. 2, jan/jun, jul/dez 2006.

PAIANI, Flavia Renata Machado. **A história de Moçambique no romance Terra sonâmbula, de Mia Couto**. São Paulo – 2013.

RABELLO, Mariana Clark Peres. *** A construção da identidade em Terra sonâmbula, de Mia Couto**. Cadernos Espuc – nº 21 2010/2011.

SOUSA, Júlia de Neto. **Terra sênâmbula à luz da ancestralidade** [manuscrito] / Júlia de Sousa Neto.—2013.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano** / Marina de Mello e Souza. – 1.ed. – São Paulo: Ática, 2014.

THOMAZ, Omar Ribeiro. **“Raça”, nação e status: histórias de guerras e relações raciais em Moçambique**. **Revista USP**. São Paulo, nº. 68, p. 252-268, dez./fev. 2005-2006. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13496/15314>. Acesso em: 20 ago.

2016

